

EM BUSCA DA LEITURA PERDIDA: UMA PROPOSTA DE EDIÇÃO DO CLARIMUNDO NOS 500 ANOS DE SUA PUBLICAÇÃO (1522 – 2022)

Flávio A. F. Reis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: flavioreis@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

1210

O objeto de nossa comunicação é a apresentação da edição comemorativa dos quinhentos anos da *editio princeps* da narrativa de João de Barros, de 1522, intitulada “Primeira parte da crônica do imperador Clarimundo, donde os reis de Portugal descendem”, edição desse livro faz parte das comemorações dos 500 anos da publicação da obra. No caso, trata-se de uma edição realizada a partir da leitura da primeira edição de 1522, acompanhada de estudos, notas e todo aparato decorrente de décadas de estudos e do doutoramento do proponente.

A última edição do livro, mais recorrente e conhecida, é do Prof. Marques Braga, de 1953, edição importante, mas realizada a partir da edição setecentista, de 1742, edição essa bastante alterada daquela primeira edição de 1522. Nesse sentido, o projeto editorial da publicação que ora se propõe permite ao leitor atual o acesso ao texto de 1522, com todos os aparatos necessários para a leitura e interpretação do texto, segundo os parâmetros quinhentistas do texto. A relevância do livro atesta-se pelo fato de que o Clarimundo é uma das obras mais importantes das letras portuguesas quinhentistas, seja pela temática (uma narrativa de cavalaria com tema português, o enaltecimento da política monárquica quinhentista portuguesa); seja pelo modo como a língua portuguesa é aplicada, sendo um modelo de língua portuguesa anterior aos *Lusíadas*, com aspectos entre o português arcaico e o moderno; seja pela importância das obras e do prestígio de João de Barros na história das letras em língua portuguesa. Além do mais, seus aspectos estruturais, compositivos e a profusão de matérias, personagens e ações conferem ao livro o pioneirismo na história da prosa narrativa em língua portuguesa.

Em março de 1522, João de Barros deu à estampa, nas prensas de Germão de Galharde, uma narrativa de façanhas e virtudes cavaleirescas, dedicada ao príncipe D. João, de quem era “moço de câmara”. Apesar da pouca idade, não pouco é o engenho e

Realização:



Apoio:





a excelência da elocução empregada na obra. Trata-se de um evento de grande relevância na história das letras em Língua Portuguesa, seja pela variedade das matérias seja pela excelência do estilo aplicado à matéria comum das aventuras de cavaleiros, estilo celebrado pelos seus interlocutores, como se pode ler na dedicatória da *Ropica Pnefma*, dirigida a Duarte de Resende, na qual, descontada a modéstia retórica de nosso historiador, lê-se: “(...) quão bem vos pareceu meu Clarimundo quando foi ter convosco em Maluco. Verdade é que vos podia lá enganar, por a linguagem da terra ser tão bárbara que a minha vos parecia elegante”. A carta-dedicatória é de 1532 e, além dos elogios indiretamente referidos, por ela se tem a notícia de que, dez anos após a publicação da primeira edição do *Clarimundo*, a obra está dispersa pelo mundo, acompanhando os portugueses nas longínquas terras alcançadas.

1211

METODOLOGIA

Quinhentos anos depois, realiza-se uma nova edição da celebrada narrativa de João de Barros, mais conhecida do que lida. Com o fim de oferecer ao leitor uma edição fidedigna àquela publicada em 1522 e legível, tanto a especialistas como a leitores gerais, realizamos este trabalho. Assim, no estabelecimento do texto, optou-se pela lição interpretativa, isto é, no processo de transcrição realizou-se uma moderada atualização ortográfica. Desse modo, na leitura que ora se apresenta, pretendeu-se manter a língua quinhentista de João de Barros, preservada no vocabulário e nas estruturas linguísticas de época, com fartas anotações explicativas. O objetivo é que o leitor possa apreciar a eloquência da prosa quinhentista inventada por João de Barros, notável polígrafo, gramático, filósofo moral, historiador e servidor privado da corte de D. Manuel e de D. João III. Ademais, o cotejo da presente leitura com sua fonte pode ser realizado com o acesso da *editio princeps* (primeira edição) na plataforma de livros digitais da Biblioteca Nacional de Madrid.¹

No estabelecimento do texto, a transcrição foi realizada a partir da *editio princeps* de 1522 e levou em conta as impressões de 1601, de António Álvarez; a de 1742, impressa por Francisco da Sylva; e a de 1953, edição modernizada pelo prof. Marques Braga. O impresso de 1555 (reimpressão de 1522) e as publicações de 1791 e

¹ *Biblioteca Digital Hispánica*, acessível no portal eletrônico da Biblioteca Nacional de Madrid: <www.bne.es>



1843 (reimpressões de 1742) não foram relevantes na leitura por serem reimpressões daquelas utilizadas.

Por fim, os termos e expressões distantes dos usos recentes foram explicados ou lembrados ao pé da página. As notas trazem esclarecimentos sobre o léxico (vocabulário, variações semânticas, expressões de época); as diferentes estruturas linguísticas; as dinâmicas da trama narrativa e outros passos que foram considerados dignos de nota, por conta de aspectos culturais, históricos, políticos, filosóficos, teológicos e retórico-discursivos diferentes ou distantes dos atuais.

Quanto à composição da narrativa, trata-se de um discurso no qual ocorre a aplicação de preceitos das técnicas retóricas na composição discursiva, no caso, a imitação do discurso da história. Estas técnicas retóricas são procedimentos de longa duração, cujo fim é a persuasão pela verossimilhança, e consistem na aplicação de preceitos e artifícios discursivos convenientes e eficazes na representação do gênero crônica (história). A aplicação dos preceitos das artes retóricas ocorre tanto nos discursos da oratória quanto nos discursos poéticos, porque eles convergem na composição da *mimesis* do gênero. Com isso, conforme as convenções da invenção do gênero, a crônica de João de Barros contém variados tipos de discurso em prosa ou verso, tais como: cartas, discursos oratórios, diálogos; disputas; orações ou invocações rogativas; discursos em versos como cantares e oitavas rimas; discursos laudatórios, embaixadas; prosopopeias, descrições panegíricas de lugares, de pessoas, de coisas; ecfraasis (descrição de estátuas, pinturas, escudos) etc. Ou seja, na invenção do *Clarimundo* há um verdadeiro compêndio de discursos, compostos segundo as técnicas retóricas específicas e o decoro imitativo de acordo com a ocasião, a matéria e os interlocutores envolvidos. Todos esses aspectos foram abordados nos estudos introdutórios e nas notas de leitura.

1212

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Contém a nossa edição comemorativa (no prelo):

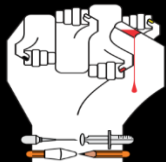
1. ESTA EDIÇÃO (aspectos da atualização moderada; os critérios de transcrição, acentuação, pontuação, disposição do texto etc.)
2. BREVE NOTÍCIA SOBRE A VIDA DE JOÃO DE BARROS
3. ESTUDOS
 - 3.1. As edições do Clarimundo e a História Literária

Realização:



Apoio:





3.2. Na ficção da história fingida, seu fim é o ensinamento

3.3. A propaganda da cruzada na obra de João de Barros

3.4. As palavras e as coisas no Clarimundo

3.5. O deleite e o ensinamento no elogio

4. Referências Bibliográficas

5. Edição interpretativa com atualização ortográfica moderada. Notas vocabulares, de expressões quinhentistas e, sobretudo, de noções discursivas, teológicas, de códigos culturais e históricas, segundo fontes coetâneas.

6. Apêndice

6.1. CAPÍTULO XXVIII da edição de 1742.

Como o príncipe D. Sancho e seus primos foram levados a Espanha e de como foram feitos reis e da morte do imperador Clarimundo.

6.2. Dedicatória a D. José I pelo editor Francisco da Sylva

6.3. Parecer inquisitorial da edição de 1601 - PARECER DO CENSOR FREI MANUEL COELHO

7. Genealogias do Clarimundo, por Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Árvore genealógica da Crônica do Imperador Clarimundo”, em O Universo de Almourol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII <https://parnaseo.uv.es/UniversoDeAlmourol/>, 2017.

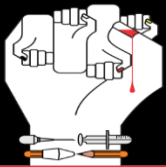
8. GLOSSÁRIO

9. GLOSSÁRIO DE ANTROPÔNIMOS E TOPÔNIMOS

Este glossário reúne os principais antropônimos e topônimos da *Crônica do Imperador Clarimundo*. O nome aparece como cabeça do verbete, seguido de uma breve identificação e, entre parênteses, com números romanos, indica-se o livro, seguido do capítulo no qual o nome aparece em primeira ocorrência.

CONCLUSÕES

Edição anotada do texto com mais de 2000 notas, das quais sobrelevam-se aquelas que apresentam o que nos referimos, por ora, como “a leitura perdida”, ou seja, o esforço de recuperar, segundo os pressupostos de época e referências livrescas pertinentes, composto sobretudo por fontes plausíveis, seja da filosofia moral dispersa e difundida nos meios cortesãos, seja da geografia, da história praticada no tempo, das



obras dos teólogos e dos códigos cavaleirescos e cortesãos dispersos em tratados e outros tipos de textos diversos do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Portugal. Quinhentismo. João de Barros. Clarimundo.

REFERÊNCIAS

Edições do Clarimundo de João de Barros

1522: *Primeira parte da cronica do emperador Clarimũdo, donde os reis de Portugal descendem.* Lisboa: Germão de Galharde.

1555: *Primeira parte da cronica do emperador Clarimũdo, donde os reis de Portugal descendem.* Coimbra: Por Joam da Barreira.

1601: *Primeira parte da cronica do emperador Clarimũdo, donde os reis de Portugal descendem.* Lisboa: Por Antonio Alvarez.

1742: *Chronica do Emperador Clarimundo. Donde os Reys de Portugal descendem.* Lisboa: Na Officina de Francisco da Sylva.

1791: *Chronica do Emperador Clarimundo. Donde os Reys de Portugal descendem.* Lisboa: Oficina João Antônio da Silva.

1843: *Chronica do Emperador Clarimundo. Donde os Reys de Portugal descendem.* Lisboa: Tipographia Rollandiana.

1953: *Clarimundo.* Com prefácio e notas do prof. Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa.

1214